

**A IDENTIDADE DA PERSONAGEM MARIANO NO ROMANCE
“UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA”,
DE MIA COUTO: INTERFACES LINGUÍSTICAS E LITERÁRIAS**

Vanessa Stephany Silva Pinheiro Freitas (UFT)

vanessastephanyasilva123@gmail.com

Carlos Borges Júnior (UFT)

borges-junior@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho analisa o papel da linguagem na construção da identidade da personagem Mariano no romance “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”, do escritor Mía Couto (2003). Tem o objetivo de discutir acerca das transformações identitárias vividas pelo protagonista da história, que foram construídas a partir das relações entre linguagem e memória. Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, é associada à análise da narrativa. O estudo sustenta-se em teóricos como Stuart Hall (2006; 2003) e Anthony Giddens (2002), que dialogam com a temática identidade, levando em consideração o contexto da pós-modernidade. A abordagem seleciona excertos do romance, destacando aspectos que evidenciam a fragmentação na identidade da personagem e o modo que a linguagem é construída na narrativa, sob o prisma do narrador pós-moderno. A partir da análise dos dados, tornou-se ilusório pensar a identidade como síntese pura, fixa e estável, uma vez que ela se constitui como um processo na constituição do sujeito, portanto sempre em formação. A identidade possui caráter transitório, o sujeito pós-moderno tende a assumir múltiplas possibilidades de identificação, sujeitas às modificações, de acordo com o contexto social em que está inserido, e a linguagem utilizada no romance contribui para essa relação.

Palavras-chave:

Identidade. Linguagem. Mariano.

ABSTRACT

This work analyzes the language in the identity construction of the character Mariano in the novel “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”, by the author Mía Couto (2003). It aims to discuss about the identity transformations experienced by the protagonist of the history, which were built from the relations between language and memory. This research, of bibliographic nature, is associated with the analysis of the narrative. The study is carried out based in theorists such as Stuart Hall (2006; 2003) and Anthony Giddens (2002), who dialogue with the theme of identity, considering the postmodernity context. The approach selects excerpts from the novel, highlighting aspects that evidence the fragmentation in the character identity and the way that language is constructed in the narrative, from the perspective of the postmodern narrator. From the data analyses, it became illusory to think of identity as being pure, fixed, and stable, since it is constituted as a process in the subject constitution, therefore always in training. The identity has a transitory character, the postmodern subject tends to assume multiple identification possibilities, subject to

change, according to the social context in which he is inserted, and the language used in the novel contributes to this relation.

Keywords:
Identity. Language. Mariano.

1. Introdução

Um dos efeitos da globalização no contexto da Modernidade Tardia é a desconstrução da ideia de estabilidade do sujeito. A concepção de sujeito absoluto é questionada e posta à prova. A difusão das informações alterou o modo de compreender as coisas do mundo e a própria noção de sujeito. No mundo globalizado, o sujeito pode acessar com rapidez e agilidade as informações que circulam, sem necessariamente ter presenciado certas situações. A quebra das fronteiras globais permitiu ao homem o acesso a diferentes culturas e essa interação repercutiu numa gama de incertezas que, conseqüentemente, influenciou na construção da sua identidade.

Vivemos em um tempo marcado pelas mais diferentes formas de diásporas e mestiçagens que desestabilizam qualquer pretensão a identidades estáveis. Com a globalização e a volatilidade das fronteiras, o sujeito contemporâneo se desestabiliza ainda mais, resultando no cada vez mais difícil reconhecimento identitário. (DINIZ, 2008, p. 10)

A estabilidade de suas identidades é posta em questão, assim não é plausível afirmar que o sujeito possua uma única identidade, mas sim múltiplas formas de identificação, sempre sujeitas a mudanças, conforme o meio social em que vive. A reconfiguração da identidade implicou um conflito existencial do indivíduo consigo mesmo. Uma nova forma de relação que o impôs a uma necessidade de identificar-se ou não com o meio, isso o tornou fragmentado e reflexivo (HALL, 2006).

É partindo do princípio de uma desintegração das identidades fixas que as reflexões deste estudo se solidificam, tendo em vista o sujeito frente as suas singularidades. Trata-se a identidade em sua incompletude, sujeita a mudanças, onde os conceitos sempre serão provisórios e inacabados. Portanto, nesta pesquisa selecionou-se como objeto empírico de análise o romance “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”, do autor moçambicano Mia Couto (2003), com o objetivo de investigar a construção identitária da personagem Marianinho, articulando interfaces da linguagem da narrativa com fundamentos teóricos da literatura. A escolha da obra faz parte da pesquisa sobre literatura contemporânea *Memória, Identidades Culturais e Relações Assimétricas*, proposta pelo pro-

fessor Dr. Carlos Borges da Silva Júnior, cujo objetivo é, pesquisar a partir do elemento memória, a construção de narrativas literárias, mapeando e problematizando a construção identitária, enquanto processo de fragmentação. Portanto, selecionou-se o romance de Mia Couto (2003), pelo fato de que “as manifestações literárias também vêm colocando como um dos problemas centrais a discussão sobre os processos identitários contemporâneos e sobre as negociações deles decorrentes” (DINIZ, 2008, p. 10).

A metodologia desse estudo fundamenta-se na Análise da Narrativa Literária como fundamento para imersão na obra escolhida, destacando aspectos da linguagem e do fazer literário em “Um rio chamando tempo, uma casa chamada terra”, de Mia Couto (2003). A pesquisa, também de caráter bibliográfico, contribui com o estudo, fornecendo subsídios teóricos para problematizar a discussão. Segundo João José Saraiva da Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica “é feita a partir do levantamento de referências teóricas ‘já analisadas e publicadas por meio escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de *web sites*’ sobre o tema a estudar” (2002, p. 31).

Nesse sentido, para fundamentar a discussão, buscou-se embasamentos teóricos que abordam a temática identidade, entre os quais destacam-se Stuart Hall (2006) e Anthony Giddens (2002). Ainda, contribuíram para esse estudo, autores como Carlos Borges da Silva Júnior (2008); Érika Ribeiro Diniz (2008); Silviano Santiago (2002), entre outros.

A incursão realizada nas próximas seções deste artigo está organizada do seguinte modo: a) discute-se acerca da concepção teórica de identidade adotada para ancoragens nesta pesquisa; b) apresenta-se uma breve síntese do enredo da obra literária “Um rio chamando tempo, uma casa chamada terra”, de Mia Couto; e, por fim, c) analisa-se o processo de construção identitária da personagem Mariano (Marianinho).

2. *Processos de construção identitária no contexto da Modernidade Tardia*

A Modernidade Tardia pode ser considerada uma fase de desenvolvimento das relações humanas caracterizada pela globalização e por múltiplos avanços tecnológicos. Esse “complexo de processos e de mudanças (...) pode ser sintetizado sob o termo de ‘globalização’” (HALL,

2006, p. 67). A ideia de síntese a que o autor se refere não implica necessariamente em um conceito absoluto, tautológico, porém aos “processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado” (MCGREW *apud* HALL, 2006, p. 67). A dinâmica social desses tempos característicos reorganiza sentidos e contextos constantemente. O conhecimento sobre as coisas do mundo torna-se cada vez mais provisório, menos fixos; passam a ser instáveis, acompanhando o princípio de mudança característico dos tempos de globalização. Anthony Giddens (2002) destaca que:

[...] a modernidade [tardia] institucionaliza o princípio da dúvida radical e insiste em que todo conhecimento tome a forma de hipóteses – afirmações que bem podem ser verdadeiras, mas que por princípio estão sempre abertas à revisão e podem ter que ser, em algum momento, abandonadas. (GIDDENS, 2002, p. 10)

Não são apenas as informações e conhecimentos que são questionados, já que, a partir dessas mudanças, houve a necessidade de se questionar também acerca de nós mesmos. No livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall (2006) ressalta que o sujeito pós-moderno se constitui a partir de um processo reflexivo e de múltiplas mudanças. Para Giddens (2002), a sociedade moderna implica em pensar o sujeito como não sendo mais estável e nem tendo o controle de tudo. Para o autor,

[...] mudanças em aspectos íntimos da vida pessoal estão diretamente ligadas ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude [...] a reflexibilidade da modernidade se estende ao núcleo do eu. Posto de outra maneira, no contexto de uma ordem pós-tradicional, o eu se torna um *projeto reflexivo* [...] nos ambientes da modernidade, por contraste, o eu alterado tem que ser explorado e construído como parte de um processo reflexivo de conectar mudança pessoal e social. (GIDDENS, 2002, p. 36-7) (grifos do autor)

O olhar reflexivo para o eu possibilitou a compreensão acerca do sujeito, levantando problemáticas no que diz respeito a pensar questões identitárias em uma sociedade marcada por traços específicos de um tempo fragmentado. De acordo com Hall (2006):

[...] a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de *individualismo*, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade. Isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos mas que a individualidade era tanto “vívida” quanto “conceptualizada” de forma diferente. As transformações associadas à modernidade *libertam o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradi-*

ções e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais. (HALL, 2006, p. 24-5) (grifos nossos)

A fragmentação das identidades na sociedade globalizada desestabilizou a ideia de sujeito em sua completude. O eu, na Modernidade Tardia, reflete e agencia sua própria forma de poder, contestando assim as concepções “divinamente estabelecidas”. Isso ocorre a partir das múltiplas formas de interações midiáticas e de todos os aparatos tecnológicos que permitiriam as pessoas não precisarem estar no mesmo tempo e no mesmo espaço para compartilhar informações. Por isso, pode-se considerar que o conhecimento passa a circular com mais rapidez, influenciando diretamente a vida das pessoas.

Diante dessa fragmentação de tempo e espaço, entre outros aspectos, o sujeito sócio-historicamente construído e sua identidade cultural deixam de ser concebidos com perspectiva pura e estável. Ao pensar por esse viés, a identidade é construída e constituída a partir de um múltiplo processo cultural e, em razão da globalização, ela jamais será completa e absoluta, pois conforme argumenta Hall (2006):

[...] quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. (HALL, 2006, p. 75) (grifos do autor)

A globalização “tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas, menos fixas, unificadas ou trans-históricas” (HALL, 2006, p. 87). Nessa concepção, torna-se contraditório elencar conceitos únicos e/ou prontos em relação à identidade pura, pois “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2006, p. 7).

Essa fragmentação do sujeito o torna instável, isto é, podendo haver transformações tanto nas “paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade”, quanto nas “identidades pessoais” (HALL, 2006, p. 9). Essas transformações, permitem, sobretudo, “perda de um ‘sentido de si’ estável (...) chamada, algumas vezes, de des-

locamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos, tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo” (HALL, 2006, p. 9). É essa crise identitária que será problematizada na análise da personagem Mariano, do romance “Um rio chamando tempo, uma casa chamada terra”, de Mia Couto; antes, porém, apresentamos, na próxima seção, uma síntese do enredo dessa obra literária.

3. *A sinopse de uma história: a trama de “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”*

O romance “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra” narra a história de Mariano. O jovem universitário recebe o comunicado da morte do avô e embarca, em uma viagem a Luar-do-Chão, para participar do funeral de Dito Mariano. Mariano recebe a incumbência de presidir os rituais fúnebres de seu avô, guardando a casa, as tradições e desvendando os mistérios de sua família.

A morte de Dito Mariano não fora clinicamente diagnosticada pelo médico, o avô encontrava-se em trânsito de vida e morte e, por isso, a família não poderia cumprir o sepultamento até que fosse comprovado seu falecimento. A vida do patriarca é cercada por mistérios e à Marianinho é dada a missão de desvendá-los, no intuito de devolver a paz e colocar em ordem a vida dos moradores de Luar-do-Chão.

O desenrolar dos mistérios se dá mediante a aparição de cartas anônimas recebidas pelo protagonista, que revelam segredos sobre sua família. Ele busca reconstruir sua história, resgatando as memórias de seu povo. Ao descobrir que Dito Mariano era o remetente das cartas, a sequência misteriosa dos labirintos memoriais vai tomando sentido. Marianinho, guiado pelas supostas cartas, segue adiando o sepultamento do avô, pois não se poderia completar os rituais antes que a família fosse completamente organizada.

De repente, algo muda na transmissão dos recados, as cartas já não aparecem mais prontas e acabadas. O próprio jovem, numa tentativa de escrita de versos livres e ideias soltas, é tomado por um processo de transfiguração da caligrafia. A sequência de palavras não era redigida conforme sua vontade, porém traduziam-se mediante aquilo que o mensageiro (Dito Mariano) quisera tratar, “aquilo que estou escrevendo se transfigura em outro escrito. Uma outra carta vai me surgindo (...)”

(COUTO, 2003, p. 170). Vem então uma nova mensagem: “fique sabendo, meu xará: você não veio aqui chamado por funeral de pessoa viva. Quem o convocou foi a morte de todo este lugar (...)” (COUTO, 2003, p. 171).

Quando chega o dia do sepultamento, todavia, os mistérios que rondam a família de Mariano não se findam. O terreno do cemitério simplesmente não se abriu e não foi possível encontrar naquele lugar uma terra propícia a ser cavada, “a embrulhada não era apenas a recusa da terra em se abrir. Era o morto que se negava a entrar” (COUTO, 2003, p. 183). A terra somente se abriria depois que o jovem, através dos direcionamentos das cartas, percorresse todos os labirintos e desvendasse todos os segredos daquela família. “Está quase completo o que tinha que fazer junto da família. Quase. Falta, porém, ainda o mais doloroso” (COUTO, 2003, p. 198).

A revelação maior e mais dolorosa que aqueles escritos trouxeram foi sobre a verdadeira paternidade de Marianinho. Nesse momento, o jovem descobre que seu avô, na verdade, é o seu verdadeiro pai. Fica sabendo que nasceu de um amor secreto e verdadeiro entre Dito Mariano e Admiração.

Depois dessa última revelação, o defunto completara sua missão. Foi sepultado às margens do rio pelo neto/filho. Dito Mariano levou consigo o sossego da organização familiar, mediada pelas revelações dos segredos de sua família. A morte dele representou ao neto/filho um renascimento, e a (re)construção de sua própria história, uma nova relação identitária. Essas descobertas trouxeram consigo verdades desconhecidas, os fragmentos de um processo de construção identitária.

É nesse contexto que a próxima seção analisa o processo de construção identitária da personagem Mariano. Será o desfecho e o momento ápice da trajetória desse estudo.

4. *Mariano: traços de uma identidade em trânsito*

As discussões relacionadas à identidade têm ganhado espaço nas mais variadas áreas do conhecimento. No campo das Ciências Humanas, cabe destacar que a Literatura, em específico a contemporânea, é uma das que mais têm abordado, em suas manifestações literárias, temas que tratam, como questão central, os processos de construção de identidade.

Ou pelo menos, em algum momento da narrativa esse elemento (identidade) é acionado.

O romance “Um rio chamando tempo, uma casa chamada terra”, de Mia Couto (2003), traz essa temática de modo constante, isto é, durante toda a narrativa, o personagem principal, Mariano (Marianinho), encontra-se em conflito, pois se vê na busca incessante por sua identidade. Ela é (re)construída durante o romance, pois os acontecimentos vividos pela personagem reorganizam sua relação com o mundo e as pessoas com quem convive, por isso pode-se dizer que Marianinho se encontra em trânsito. Hall (2003) aponta que “paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural” (HALL, 2003, p. 44). Nesse sentido, esse processo de construção identitária está sempre em fase de transição, sendo algo contínuo na formação dos sujeitos.

A exemplo disso, na narrativa de Mia Couto (2003), Marianinho procura reafirmar sua identidade e, para que ele possa entender sua história, aciona suas lembranças do passado. Em sua viagem de volta a Luar-do-Chão, durante seu percurso de passagem a bordo de um barco, Marianinho recorda-se primeiramente do lugar em que morava. Ele inicia sua viagem, apresentando o seu lugar de origem, descrevendo que “a Ilha era a nossa origem, o lugar primeiro do nosso clã, os Malilanes. Ou, no apor-tuguesamento: os Marianos” (COUTO, 2003, p. 18).

A Ilha representa um lugar de isolamento/preservação. Sair da Ilha é uma possibilidade de tornar-se outro de si, rompendo as barreiras do mundo cultural que faz parte. Essa lembrança remete à origem de seus antepassados e ao local em que ele também viveu; constrói uma sensação de retorno ao lugar que sempre pertenceu, mas como aponta Stuart Hall:

a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma ‘arqueologia’. A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu ‘trabalho produtivo’. Depende de um conhecimento da tradição enquanto ‘o mesmo em mutação’ e de um conjunto efetivo de genealogias. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2003, p. 44) (grifos do autor)

A ideia de não pertencimento ao lugar de origem é, de certo modo, uma constante para o protagonista. Ao retornar a Luar-do-Chão, Mariano se encontra, mais uma vez, em uma transição de identidade, visto que quando ainda rapaz foi mandado para a cidade, e lá construiu um modo diferente de identificação; no entanto, ao voltar à ilha tem que negociar essas relações identitárias com o passado, que também o constitui.

Em um diálogo com seu avô, antes de ser mandado para cidade, Mariano fala:

– *Eu volto, Avô. Esta é a nossa casa.*

– *Quando voltares, a casa já não te reconhecerá – respondeu o Avô.*

O velho Mariano sabia: quem parte de um lugar tão pequeno, mesmo que volte, nunca retoma. Aquele não seria o lugar de minhas cinzas. Assim fora com os outros, assim seria comigo. (COUTO, 2003, p. 45) (grifos do autor).

A necessidade de negociar com o local de origem é o que consiste nessa transição identitária da personagem. Ao recordar-se do avô, o protagonista sente que era necessário esse seu retorno para encontrar-se nas suas lembranças. Por isso declara:

[...] dói-me pensar que nunca mais o escutarei contando histórias. Ter um avô assim era para mim mais que um parentesco. Era um laço de orgulho nas raízes mais antigas. Ainda que fosse uma romantização das minhas origens mas eu, deslocado que eu estou dos meus, necessitava dessa ligação como quem carece de um Deus. (COUTO, 2003, p. 43-44)

Esse fragmento torna explícito que não é o seu retorno à ilha que trará de volta a sua identidade, uma vez que ele já tivera contato com culturas diferentes e, por mais que ele rememore a cultura e os traços identitários de seu povo, tende a não mais se identificar com a sua suposta ideia de identidade estável. Esse aspecto traz à tona uma:

[...] quebra da concepção de um sujeito uno e completo, ou seja, desde a crise do sujeito contemporâneo [...] o homem, juntamente com o conceito de identidade, faz-se fragmentário e, por vezes, vazio. Marianinho simboliza esse novo homem, que busca as origens, a proteção oferecida pelos laços familiares e não as encontra. (DINIZ, 2008, p. 38)

A busca por suas origens sempre foi rodeada de dúvidas e incertezas. O sentimento de incompletude no qual vive o protagonista é algo que o afeta também na sua construção identitária. Seu retorno a Luar-do-Chão é incompreendido também pelos que ali moravam:

[...] as ruas estão cheias de crianças que voltam da escola. Algumas me olham intensamente. Reconhecem em mim um “estranho”. E é o que sinto. Como se a Ilha escapasse de mim, canoa desamarrada na corrente do rio. Não fosse a companhia da Avô, o que eu faria naquele momento era perder-me por atalhos, perder-me tanto até estranhar por completo o lugar. (COUTO, 2003, p. 91)

Ao descrever-se como um estranho em seu local de origem, Marianinho sente a “sensação de desabrigo (...) e tal sensação, contudo, não se deixa suplantada por uma nostalgia acrílica, pela ilusão de uma origem fixada num ponto do passado” (DINIZ, 2008, p. 37). Para a personagem,

parece impossível resgatar sua origem e assumir uma identidade em um local que o desconhecem. É a partir da necessidade de preencher esse vazio que Marianinho passa, então, a verificar e analisar as vivências do passado de sua família em busca de respostas.

Tal situação reverbera na relação com outros personagens, pois serão fundamentais para que Mariano compreenda sua identidade. Diniz (2008) diz que “o fazer e o refazer das identidades, os ‘sistemas culturais que nos rodeiam’ implicam a presença do ‘outro’, instância indispensável para a construção do ‘eu’, seja ele individual ou social” (DINIZ, 2008, p. 31, grifos do autor). Desse modo, resgatar sua história e tentar reorganizar o papel de cada um dos outros personagens em sua vida é uma das formas de se reconstruir e de refazer sua própria história. Para entender-se com seu *eu*, o protagonista invoca o passado:

[...] a invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas [...] (SAID *apud* DINIZ, 2008, p. 38)

O “‘desvio de seus passados’ faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições” (HALL, 2003, p. 44). Então, Marianinho, na condição de nativo-retornado¹⁰, encontra-se como um “novo sujeito cultural africano, pois, embora tenha recebido uma educação europeizada, busca conhecer e redescobrir parte do mundo dos ancestrais. É uma figura que está sempre fazendo negociações culturais” (DINIZ, 2008, p. 35).

Essas negociações culturais são presenciadas a partir do retorno do jovem a sua terra natal, representadas mediante diversos relatos de memória: “Foi naquele chão que inventei brinquedo e rabisquei os meus primeiros desenhos. Ali escutei falas e risos, ondulações de vestidos. Naquele lugar recebi os temperos do meu crescer” (COUTO, 2003, p. 145). O retorno de Mariano permitiu que ele (re)vivesse acontecimentos que cercavam sua história, permitindo ao leitor vivenciar as inquietações acerca da vida do protagonista: “Ninguém nunca me contou como ele e minha mãe se conheceram. Era assunto interdito em nossa casa. Como

¹⁰ Nomenclatura criada por Érika Ribeiro Diniz (2008) para se referir ao personagem que retornou à sua terra natal.

também era proibido falar-se no modo como a mãe veio a falecer. Que se tinha afogado, isso sabia-se vagamente” (COUTO, 2003, p. 71).

O jovem pouco sabia a respeito de sua origem. Sobre sua mãe pode-se ler o seguinte trecho: “Mariavilhosa tivera-me a mim, no meio de frustradas tentativas” (COUTO, 2003, p. 105). O pouco que sabe é aquilo que outrora os mais velhos contavam:

Dirijo-me às encostas onde, em menino, eu pastoreara os rebanhos da família [...] as cabras me atiram para lembranças antigas. E o rosto de Mariavilhosa, minha doce mãe, vai neblinando o meu olhar [...] minha mãe tinha engravidado, antes de mim. Mas alguma coisa não correrá bem [...] O médico, sempre o mesmo Mascarenha, tinha assegurado que Dona Mariavilhosa jamais poderia voltar a conceber. A medicina se engana e eu sou prova viva disso. (COUTO, 2003, p. 190-191)

Esses relatos de memória evidenciam uma transitividade em relação à construção identitária de Mariano: “Não é apenas a língua local que eu desconheço. São esses outros idiomas que me faltam para entender Luar-do-Chão” (COUTO, 2003, p. 211). O seu retorno à Ilha trouxe consigo um misto de emoções e descobertas que impactaram diretamente a vida da personagem, “(...) é curioso eu procurar inspiração no mais-velho. Afinal, já me vou exercendo como um Malilane.” (COUTO, 2003, p. 203). Mesmo que Mariano tente resgatar suas origens e definir uma identidade fixa para si, não consegue, pois:

[...] construir memória visando a construção de um todo alicerçado de fragmentos preenchidos ficcionalmente é o que [acontece no romance de Mia Couto]. Às vezes, algumas artimanhas da memória são produzidas para nos ludibriar numa tentativa de revelar-se absoluta, mas esta vive como se numa teia, amarrando pensamentos; argumentos que se expandem circunscritos em frechas, que cada vez mais afastadas do ponto da lembrança, mais se fragmenta. (SILVA JÚNIOR, 2008, p. 32)

A memória pode sim ser um ponto de referência para a construção da identidade, no entanto tê-la como único referencial é o que envolve o jovem em uma verdadeira “teia”, na qual ele jamais conseguirá desvendar por completo, uma vez que os construtos que fundamentam a ideia de identidade sempre estão em construção, sujeitos a questionamentos e eventuais modificações:

[...] A identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida. Mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode constituir um “posicionamento”, ao qual nós podemos chamar provisoriamente de identidade. Isto não é qualquer coisa. Portanto, cada uma dessas histórias de identidade está inscrita nas posições que assumimos e com as quais nos

identificamos. Temos que viver esse conjunto de posições de identidade com todas as suas especificidades. (HALL, 2003, p. 432-3)

É justamente isso que acontece com Mariano, diante dos contextos vividos em seu retorno, provenientes da interação com os familiares. Ele tende a se posicionar com tais formas de identificação, sempre provisórias e que estão em confronto com aquelas já existentes. As identidades do protagonista têm como elemento constitutivo a transitividade, estando em curso, fazendo e refazendo-se constantemente.

5. *Considerações finais*

A incursão realizada neste estudo apontou a complexidade de se compreender e/ou se conceituar/conceber a discussão sobre identidade em sua completude. A ideia de identidades absolutas é desconstruída. A análise do processo de construção identitária experienciado por Mariano em “Um rio chamando tempo, uma casa chamada terra” demonstrou que a personagem se viu incumbida de negociar suas condições de identificação com o passado que outrora lhe pertenceu. Essas identificações, quando em curso, fazem e se refazem constantemente, estando sujeitas a processos de mudanças.

Embora tenha-se escolhido tais aspectos para refletir sobre a temática identidade, os estudos realizados aqui não esgotam outras possibilidades de leitura do assunto, convidando novos pesquisadores a problematizar outros aspectos do livro e, também, outras leituras sobre identidade em investigações posteriores. O estudo ora realizado apenas abre a possibilidade de uma conversa, construindo sentidos e os enviando aos leitores. Portanto, cabe ao leitor, também, a possibilidade de responder a esta conversa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DINIZ, Érika Ribeiro. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto: identidades em trânsito*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. 124f. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-7M8HKS>. Acesso em: 15. abr. 2020.

FONSECA, João José Saraiva da. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SILVA JÚNIOR, Carlos Borges. *A fragmentação da memória nos romances de Milton Hatoum: um estudo sobre Dois Irmãos e Cinzas do Norte*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, 2008. 125f.